

LIVRO DIÁRIO DE UM MUNDO ESCOLAR*

*Wolney Honório Filho**

Resumo:

O campo de estudo da História da Educação está sofrendo mudanças. Busca-se entender as práticas educacionais não apenas através das leis ou teorias pedagógicas, mas também conhecendo melhor seus sujeitos. O presente texto trata do resgate histórico do C.F.P.P.C. – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, que teve suas atividades escolares realizadas de 1966 a aproximadamente 1983, em Catalão, cidade do Estado de Goiás. Analisa especialmente o chamado “Livro Diário” enquanto um documento onde se registrava a vida cotidiana do Centro de Formação através de formas escritas confeccionais, onde se colocava em evidência escritos íntimos e autobiográficos.

Palavras-Chave: História, formação e documentação

Abstract:

Educational History field of study has suffered changes – Educational practices rules and pedagogical theories and by a better understanding of its subjects. This text deals with the historical resewing of C.F.P.P.C. – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão -, which had its scholl activities developed from 1966 to 1983, approximately. The conter is located in Catalão,Goias. The so called “daily life of the formation center is especially analysed. Confessional written forms with personal and antobiografical writing are put into evidence.

Key-Words: History, formatin, documents

No dia 10 de junho de 1970, um dos bolsistas do C.F.P.P.C – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão¹, cidade do Estado de Goiás, anotava, com entusiasmo, no

* Este texto é fruto de aproximadamente 6 meses de desenvolvimento do projeto de pesquisa “Vestígios no tempo: História e Memória da Educação. Catalão 1925-1974”. O mesmo foi aceito no IV Congresso Luso Brasileiro de História da Educação: “O oral, o escrito e o digital na História da Educação”. Porto Alegre, de 02 a 05 de Abril de 2002.

* Professor Adjunto do Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão. E-mail: whonorio@yahoo.com

¹ A sigla C.F.P.P.C – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, num primeiro momento, era apenas C.F.P.P, não indicando que era de Catalão-GO. Possivelmente, porque estes modelos de Centro de Formação compreendiam um projeto para todo o Estado de Goiás. Será na segunda metade dos anos 1970 que se incorporará Centro de Catalão.

livro diário do Centro, as seguintes observações: *Sr. Diário, bom dia, Como vai?*.² Em seguida, assumindo às vezes do Sr. Diário, respondia: *Vou bem obrigado, e você?. Eu... como sempre, alegre e feliz, ainda mais por estar perto de meus colegas de estudo do C.F.P.P.* E, sem delongas, o Diário pergunta: *por falar no C.F.P.P., como tem sido esses últimos dias nesta escola?*. Dava-se início, assim, a um estimulante e íntimo relacionamento entre o narrador e ele mesmo, mediado pelas paredes do Livro Diário, esse último, personificado companheiro dos internos do Centro de Formação. Na ponta da caneta, seguia a narrativa sobre o dia a dia do Centro:

“Têm sido bons. Há muito tempo que precisamos falar, com você, digo, contigo para lhe dizer todas novidades que aqui ocorrem. Hoje, pela segunda vez que nos encontramos, não é? Quero aproveitar o ensejo para falar sobre o dia 10(dez) de junho, o qual é o presente. Paz... tranquilidade e harmonia é o que reina neste maravilhoso dia. Pela manhã, assim que levantamos e fomos tomar o nosso café de sempre, o sol não estava saliente, parece até que partilhava da tranquilidade. Enquanto o vento calmo soprava e ventilava o recinto, tomamos o café e fomos para os departamentos, onde tivemos na primeira aula um teste de Sociologia. Depois mais duas aulas uma de EE.SS e outra de Linguagens, isto porque a hora de tomarmos a refeição já se aproximava. Almoçamos e fomos para a diretoria geral a fim de assinarmos nossas folhas de pagamento enquanto algumas colegas repousavam. Bem... voltamos para nossas salas de estudo onde tivemos mais três aulas, Ciências, Português e Matemática. Quando os ponteiros do relógio assinalaram 17h 10 min a sineta tocou anunciando o término das aulas do dia. Saímos apressados para nos prepararmos para o treino de voleibol. Logo depois fomos ao refeitório onde tomamos nossa última refeição do dia. Eu e meus colegas já estávamos na expectativa do jogo Brasil versus Romênia, no qual Brasil venceu com três gols a dois. Tendo ainda alguns bolsistas trabalhando nos departamentos até 21h 30 min.

Sr. Diário, já são 22 horas e precisamos nos repousar. Boa Noite”.³

A passagem acima sinaliza uma multiplicidade de práticas educacionais internas ao Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. É possível destacar o regime de internato dos alunos/alunas; algumas disciplinas e campos de saber veiculados no Centro; o respeito aos horários; a prática de esporte, entre outros. Considerando os seus trinta anos de vida, o que em termos históricos passa a ser relevante, dependendo da forma de como o

² Diário do Centro de Formação de Professores Primário de Catalão. Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão.

historiador compreende o processo histórico, pode-se dizer que a transformação deste diário em documento é uma operação que hora urge ser feita. Do momento em que suas folhas serviram de palco de observações, reclamações, exclamações, suspiros profundos, ao desenlace de seu destino, guardado como documento morto, de armário em armário, de mãos em mãos até chegar em nossas próprias mãos, há um percurso espaço-temporal de extrema relevância para o resgate histórico da educação em Catalão. E, em especial, para o resgate das práticas educacionais que brotaram no Centro de Formação.

Compreendendo uma parte da estratégia de planejamento de recursos humanos para o setor da educação⁴, o Centro de Formação de Catalão, considerado como lugar de Cursos experimentais, de acordo com a lei de diretrizes e bases da educação Nº 4.240/62, foi oficializado e reconhecido, respectivamente em 1966 e 1967⁵.

Na perspectiva de atender a carência de professores, bem como melhorar a baixa qualidade de ensino em Goiás⁶, o C.F.P.P.C., de acordo com a lei Nº 6.341, de 1966, deveria funcionar em duas etapas:

“A primeira etapa, que terá a duração de dez (10) meses, pelo menos, em regime de tempo integral, poderão se candidatar portadores de certificados de conclusão de cursos Secundários de primeiro ciclo, que tenham, no mínimo, dezessete (17) anos completos. A segunda etapa, que terá a duração de dois anos de prática do Magistério Primário, em Escolas do Estado, poderão concorrer, não somente, a concluintes da primeira etapa.”⁷.

Portador de uma proposta inovadora para a época, o Centro de Formação de Catalão habilitou, em 10 anos, de 1964 a 1974, cerca de 817 novos professores⁸.

Quem eram aqueles e aquelas professoras? Qual a formação que recebiam durante os dez meses de internato em Catalão? Como era o dia a dia no Centro de Formação? Essas e

³ Diário C.F.P.P., Nº 91, de 10/06/1970, p.01.

⁴ MONTEIRO, Margarida Maria de Jesus. Mecanismos do planejamento educacional brasileiro: sua implantação no Estado de Goiás. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980; p.133.

⁵ Idem, p.138.

⁶ Além do Centro de Formação de Catalão houve ainda outras experiências em Morrinhos, Tocantinópolis e Inhumas. Todos convertidos em experiências de formação de professores a partir de convênios entre MEC-INEP/UNICEF/UNESCO e o Estado de Goiás. Conforme Margarida, 1980.

⁷ Diário Oficial, Estado de Goiás. Goiânia, segunda-feira, 22 de agosto de 1966.

⁸ MONTEIRO, 1980, p.142.

outras indagações estão sendo feitas ao material já coletado para a pesquisa⁹. Michel de Certeau diz que “da reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade”.¹⁰ É interessante, aqui, ressaltar a dificuldade de conduzir pesquisa onde tudo o que é papel velho, como por exemplo, cadernos de preparação de aulas, cadernos de ex alunos, programas de aula, entre outros, tem o destino geralmente do lixo¹¹. Não se trata apenas de falta de informação, mas sem dúvida de investimento do Estado para incentivar a criação de arquivos públicos. É como se o passado estivesse a mercê do acaso, o que não está longe da realidade histórica brasileira.

O diário do Centro de Formação de Catalão, pelo menos o volume que hora é possível ter acesso, o referente ao ano de 1970, tem uma história curiosa. Em 1999, quando a direção do Campus de Catalão¹² estava limpando o seu “arquivo morto”, encontrou aquele livro velho, desbotado e o guardou num armário, na sala da direção. Não sei ao certo a intenção da diretora, mas imagino que pelo menos o livro servia como uma espécie de retrato de que aquele espaço físico, onde está instalado o Campus de Catalão, abrigou outros modelos de formação de professores. Ou seja, o fato do diário ter sido deslocado do “arquivo morto” para a sala da direção pode indicar uma subida de posição na hierarquia de valores dos papéis velhos, o que pode indicar também que o mesmo passou a ter uma identidade de documento histórico. Pelo menos na perspectiva da diretora do Campus e no sentido tradicional deste termo, qual seja, o de que ele fala por si, positivamente a respeito de um determinado lugar no passado.

⁹ Até o momento, o material ou fontes de pesquisa selecionados são: entrevistas com ex alunos e professores; documentação do C.F.P.P.C que se encontram no Núcleo de Tecnologia Educacional de Catalão, órgão do Estado de Goiás e um volume, o do ano de 1970, do diário de anotações dos alunos que era utilizado para registrar a memória cotidiana das atividades experimentadas no Centro.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982; p.74

¹¹ Em janeiro de 2001, durante uma entrevista com uma professora que trabalhou no Centro de Formação, ela nos disse que algumas caixas de material, anotações diversas pertencentes a ela e ao Centro, foram doadas a um catador de papel, que provavelmente os vendeu para terceiros.

¹² O Campus de Catalão, criado em 1986, é um órgão suplementar da Universidade Federal de Goiás e possui hoje, julho de 2001, 07 curso de graduação (Letras, Geografia, Pedagogia, Matemática, História, Educação Física e Ciências da Computação) e 05 cursos de pós graduação *lato sensu* (Especialização em Alfabetização, História do Brasil, Ensino de Geografia, Matemática e Educação Física).

No início do ano de 2000, a diretora, durante uma conversa que tínhamos a respeito da história do Campus da UFG¹³, lembrou de mostrar-me o então livro diário que encontrara jogado no fundo do armário do “arquivo morto” do Campus. Minha reação foi tal qual uma criança frente a um brinquedo novo: fiquei maravilhado, talvez pela forma física do livro e pela possibilidade de ter em minha frente um filão documental sobre o dia a dia da formação de professores no então Centro de Formação. Apesar de tanto a minha quanto a reação da diretora terem sido diferentes, o que significa no mínimo que uma não foi melhor ou pior do que a outra, ambas tomaram o livro diário como algo extraordinário, um mundo desconhecido, aberto ao conhecimento.

A distância entre a prática de ensino superior, na área de cursos de formação de professores, criados a partir de 1986, pela UFG em Catalão, e as que se efetivaram pelo Centro de Formação a partir da segunda metade dos anos 1960, durante toda a década de 1970 e início da de 1980, ainda não foi estudada. Porém, é possível dizer que estas duas práticas de formação, mesmo que efetivadas numa mesma localização geográfica, não têm necessariamente uma continuidade. Há muito mais deslocamentos do que permanências entre uma e outra. Neste sentido, os relatos que emergem das folhas do livro diário apontam um afastamento significativo da história de formação de professores promovida pela Universidade, indicando uma mudança não só de práticas, como também de sociedade, o que nos leva a tratar o diário como um conjunto de narrativas que apontam maneiras de ver, sentimentos, valores na formação de professores, diferentes das que se sobrepõem a partir da Universidade. O diário é uma pista¹⁴ dessas outras práticas que se tornaram um passado para nós.

Certeau diz que “de resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem”.¹⁵ Tomando o trabalho do historiador como o de um articulador/transformador da relação entre natureza e cultura, alguém que provoca transformações num determinado “meio”, Certeau cria novas forças de interpretação sobre o ofício do historiador, deslocando

¹³ Na ocasião, eu ocupava o cargo de vice-diretor do CAC/UFG – Campus de Catalão – Universidade Federal de Goiás.

¹⁴ Faço aqui referência ao termo utilizado por C. GINSBURG, mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹⁵ Certeau, op. Cit., p. 79

processos de trabalho onde o que impera é a reprodução de documentos, o que indica um trabalho de copista ou algo assim, para os de produção, apontando que os documentos, assim como um determinado passado, ou passados são filhos de uma produção do presente¹⁶.

Olhar para o livro diário, não como uma relíquia ou um objeto de decoração do passado, mas como possibilidade, ou um meio pelo qual pode se revisitar o passado significa antes de tudo tomá-lo como um documento monumento¹⁷. Monumento, segundo Lê Goff, é um sinal do passado. Mas, como legado à memória coletiva, tem como característica o estar ligado ao poder de perpetuação. O monumento/documento, neste caso, existe para ser visto e lembrado.

O desenvolvimento da História como ciência trouxe outras reflexões sobre o documento. De uma perspectiva de busca da autenticidade documental, marcada pelas primeiras críticas documentais da Idade Média, os historiadores, já no século XX, a partir principalmente dos “Annales”, tomaram seu ofício como a operação que além de não se restringir a igualar documento e texto, estendeu a noção de documento para materiais não só escritos, como também descobriu que o que transforma o documento em monumento é a sua utilização pelo poder. O caminho, ou caminhos, pelo qual determinado grupo documental passa, seu nascimento como registro, seja intencional ou não, seu destino e utilização passam a ser objeto de preocupação na oficina do historiador. E, ainda segundo Lê Goff, nos dias atuais, a história é o que transforma os documentos em monumentos. Isto significa perceber os documentos como montagem, o que leva necessariamente a um trabalho de desmistificação dos ensinamentos que eles promovem.

Ora, construir novos objetos e novas fontes documentais em História da Educação requer no mínimo o cuidado com estas questões, ou reflexões sobre as fontes, que a disciplina história tem a oferecer. O livro diário, nesta seara historiográfica, requer um tratamento singular, que se distancie da equação documento = texto.

Mas o que é este livro diário? O que está escrito em suas páginas? Não cabe aqui, ainda, tentar esgotar os conteúdos/ensinamentos que colonizam as páginas do diário. De maneira geral, ele é composto de relatos feitos a cada dia por uma aluna diferente. O objetivo

¹⁶ Idem, p.81.

¹⁷ Tomo o termo documento/monumento a partir da reflexão de Jacques Lê Goff: “Documento/Monumento”. In: História e Memória. Tradução Bernardo Leitão...{et. al.}. –4.ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996; pp. 535-549.

Obs.: a discussão que se segue neste e no próximo parágrafo tem este texto como referência.

do diário era associar a prática da escrita juntamente com a leitura oral¹⁸. A forma dos relatos era múltipla: há textos simples, relatando as atividades diárias, como também há outras mais singulares, que no mínimo apreciam o dia a dia do Centro de Formação com interrogações a contrapelo.

Meu querido diário! Que queres que eu te diga? Que o dia hoje foi lindo, de muito trabalho e aproveitamento? Que tivemos um teste de E. Moral e Cívica na primeira aula do período matutino? Que no período da tarde, depois de um bom repouso após o almoço, tivemos também mais três aulas? Que depois dessas aulas fomos treinar voleibol? Que depois deste treino, às dezoito horas, jantamos e fomos cuidar de nossos deveres? Que assim ficamos fazendo nossos trabalhos e preparando pelo digo, para o que nos espera amanhã? Que, quando chegaram vinte e duas horas, já estávamos sonolentas e fomos dormir?¹⁹

O trecho acima indica de uma certa forma uma ironia talvez não só às atividades diárias das alunas no Centro de Formação, como também aos próprios relatos do livro diário, que dia a dia são lidos a todos os internos durante o jantar. Neste sentido, há uma perspectiva ambígua no relato do dia 11 de junho de 1970 que é mais difícil de notar nos outros dias. Vejamos o que a autora escreve logo após a última indagação sobre as horas sonolentas:

Não, não te direi tudo isso, (dir te ei apenas) pois estas coisas tu já prevês antes mesmo de vir falar com a gente. Então, dir - te - ei apenas que o dia hoje foi esplêndido... Depois de uma noite calma, serena, onde só reinava a tranqüilidade em nosso lar, este novo lar muito nosso, que é o Centro de Formação, levantamos para iniciarmos nossas atividades cotidianas. E neste instante quando levantávamos, fomos surpreendidos pela chegada de nossas colegas Vânia e Telma, que, depois de terem ficado uma semana fora, retornaram ao nosso mundo. E então, a alegria apossou-se de nossos corações, permanecendo o dia todo. Ah! Contar-te ei também uma outra bela surpresa que tivemos hoje. Quando assistíamos à aula de catequese, Irmã Maria Cristina nos fez um convite bastante agradável. E agora já estamos a espera do dia dezesseis, porque nesse dia, que teremos esta festinha organizada pela

¹⁸ De acordo com entrevista realizada com S., no mês de maio de 2001.

¹⁹ Diário C.F.P.P., Nº 92, de 11/06/1970, p.02.

nossa professora de catequese. Agora, só resta dizer-te que o dia terminou, e com ele, terminou também o nosso encontro. Boa noite!²⁰

Muda o tom da narrativa, bem como o objeto. No lugar das tarefas cotidianas, o encontro surpresa com as duas colegas e a notícia de uma festa, promovida pela professora de catequese. A beleza do dia, apontada no início do primeiro trecho, é bem diferente do cintilante adjetivo esplêndido, assinalado no segundo trecho. Pode-se conjecturar que a ênfase interrogativa na primeira parte do relato tem sentido que vai além do aspecto semântico. Interpõe-se aqui uma tensão sobre uma possível e exclusiva perspectiva, tomada como expectativa pelo próprio diário: “pois estas coisas tu já prevês antes mesmo de vir falar com a gente”. Existe aqui uma antropomorfia atribuída ao livro diário. A quem ele estaria sendo relacionado?

Assim, o dia a dia no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, vai sendo desenhado, ora colorido, ora no preto e no branco. Os relatos, ou melhor, os considerados melhores relatos anotados no livro diário nos primeiros anos da década de 1970, foram coletados e compuseram uma apostila chamada “Gotículas de nossa alma”.²¹ Entre as redações em forma de relato, uma chama-se “Um dia no C.F.P.P.”.

Languidamente a noite morre, a aurora indica o ressurgir do novo dia. Novo em emoções, trabalhos, tristezas, alegrias, completamente novo, porque é outro dia e em nada se parecerá com “ontem” nem com amanhã. A sirene soa. No dormitório todas se movimentam. O reboiço é total, todas nos aprontamos rapidamente e saímos para o refeitório. As horas previamente distribuídas são ocupadas pelas aulas do dia que se transcorre normalmente. A cada instante, em cada olhar, em toda palavra vemos beleza e poesia, que ficarão indelévels em nossa memória. A tarde vai lentamente surgindo, o sol abrandando o seu calor, surge o crepúsculo de Catalão. O astro-rei, um disco vermelho enfeita o céu e dá um colorido especial à vida. É muito normal encontrarmos alguns de nossos colegas, os mais apaixonados, creio eu, a observar esta maravilha, todos os dias. Um dia no C.F.P.P. é quase assim... . Seria impossível traduzir para o papel as minúcias de um dia aqui vivido, pois, um dia aqui vivido é feito de amor, dedicação, respeito, felicidade, trabalhos, humanidade e sobretudo

²⁰ Idem.

²¹ “Gotículas de nossa alma” é uma apostila, provavelmente confeccionada pela área de português do Centro de Formação. Esta apostila foi encontrada entre os documentos da Senhora Sueli da Paixão, ex-diretora do C.F.P.P.C.

saudade. Saudade de nossos familiares. A mesma saudade que sentiremos um dia, onde quer que estejamos, de um dia, um dia qualquer no C.F.P.P.²²

Enquanto o dia a dia vai tomando corpo com atividades de aula, estudos, práticas de esporte, refeições, etc, os relatos vão explorando mais um estado de espírito, que não se sabe se é um estado desejado ou experimentado, mas de qualquer forma mais um estado de espírito do que observações sobre aulas, conhecimentos adquiridos ou coisa do gênero. Projeta-se assim uma atitude de contemplação, ou mesmo de resignação às “horas previamente distribuídas”. Um olhar, uma palavra, mesmo no plural, o que pode dar margem a contradições, mas isso não é admitido, ou pelo menos assinalado, são vistos como belos, ou mesmo poesia.

Entretanto, as horas que passam, no cotidiano do Centro de Formação não indicam sequer tempo para contemplação.

6 horas: o sol desponta no horizonte, começa iluminar a terra.

6 h. 45min: vamos tomar café.

7 horas: fomos para o pavilhão de estudo.

11.40min: o sol já declina é hora do almoço.

12 horas: é hora do repouso.

13 horas: novamente ao pavilhão de estudo.

18 horas: já não se avista o sol, mais é a lua que domina tudo, deu-se o término das aulas e fomos jantar.

19 horas: algumas bolsistas descem a cidade a fim de fazer propaganda para a nossa festa junina.

22 horas: tudo se torna belo é hora de dormir e sonhar, o sono domina tudo. Vou dormir e sonhar com o dia de amanhã que talvez seja mais belo e mais movimentado.

Boa noite.²³

Percebe-se uma “consciência onipresente do tempo”. Este termo é utilizado por Antônio Viñao Frago, que diz ainda que este tempo é um “tempo sempre regulado e ocupado”, e que esta é uma característica da instituição escolar²⁴. Isto sugere o quanto as atividades do dia estavam repletas da ocupação das horas. Entre o despertar do dia e o adormecer várias atividades ocupam os corpos e as mentes dos futuros professores primários.

²² Lúcia Helena Resende “Um dia no C.F.P.P.”. Apostilha “Góticulas de nossa alma” (mimeo).

²³ Diário C.F.P.P., Nº 100, de 19/06/1970, p.11.

²⁴ FRAGO, Antônio Viñao. “Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones.” In: Revista Brasileira de Educação. Set/out/nov/dez, 1995, Nº 0, p.73.

Estas atividades são distribuídas previamente, o que pode indicar também a rigidez no cumprimento do horário. O tempo, além de ser regulado e ocupado, é instrumento de formação disciplinar²⁵.

O livro diário está se transformando. De livro velho, objeto de exposição de um passado recente, ele passa a ser objeto, ou mesmo matéria prima na oficina do historiador. Aberto e submetido a uma série de perguntas, ele vai se compondo como uma fonte de pesquisa singular sobre a história da educação no sudeste goiano, especialmente sobre a formação, ao modo de internato, de professores primários. Traz a tona preciosas informações sobre o dia a dia numa instituição escolar pouco conhecida em termos históricos pelos pesquisadores. O Centro de Formação produziu quadros de professores que ainda estão na ativa, ocupando não só cargos de professores, como também de funcionários de secretarias de educação, como é o caso em Catalão.

Em dezesseis de dezembro de 1973, o Centro de Formação teve o seu hino composto por Dener, provavelmente um de seus alunos. Em pauta, louvor e adoração por uma instituição que forma mestres, “armas fortes” para defender o país.

Nesta terra em que os raios refletem

Fulgurando e cintilando paz

Ecos fortes de vezes repetem

Nossa escola orgulho de Goiás

Meu Brasil (bis)

Minha Pátria, meu País, minha Nação

Meu Brasil eu sei que você espera

Por essa gente do Centro de Formação

Os seus braços erguidos proclamam

Esperança valor e saber

E os teus filhos em coro de aclamam

Minha escola o C.F.P.P.

²⁵ THOMPSON, E. P. “O tempo, a disciplina do trabalho e o Capitalismo”. In: GRÁCIO, Sérgio; MIRANDA, Sacuntala; STOER, Stephen ; Sociologia da Educação - 1. Antologia. Funções da Escola e Reprodução Social. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

Nossos mestres heróis corajosos
 Incansáveis a lutar e vencer
 Entregando a um país poderoso
 Armas fortes para defender

Somos jovens pujantes e autênticos
 Nosso sonho é alfabetizar
 Ensinar com desejos ardentes
 Ajudando o Brasil a se elevar²⁶.

Mas a pujança extraordinária do Centro de Formação está mesmo entoada na possibilidade aberta de lançar ao país, particularmente na região centro oeste, os mestres missionários, como diz a valsa oficial do C.F.P.P., composta também por Dener, em dezoito de maio de 1974. No seu primeiro verso, a exaltação da educação promovida pelo Centro.

Ó, querido C.F.P.P.
 Continuo ajudando Goiás
 A ser o berço da cultura
 Também do amor e da paz
 Faça dos nossos mestres
 Guias de muita esperança
 Pra ensinarem o caminho florido
 À nossa amada criança²⁷

Nosso trabalho não é de destruir o júbilo atribuído às atividades ou mesmo à existência do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. Trata-se de problematizar as glórias cantadas, compreender como se promovia a formação daqueles professores, mobilizar alternativas de conhecimento deste passado a partir de questões do nosso presente. O livro diário emerge como uma fonte documental singular, depois de 30 anos de sua confecção.

²⁶ Hino oficial do C.F.P.P. de Catalão – Goiás. 16/12/1973 – Dener.

²⁷ Valsa oficial do C.F.P.P. de Catalão – Goiás. 18/05/1974 – Dener.